

TERESA AKIL

BALAAO

O OBEDIENTE

(A transvalorização da imagem de Balaão a partir de uma nova leitura de Nm 22 2-24 25)



Teresa Akil

BALAÃO, O OBEDIENTE

(A transvalorização da imagem de Balaão
a partir de uma nova leitura de Nm 22,2-24,25)

sumário

| Introdução

| Introdução e conclusão (a e a')

| Os convites e o encontro (b e b')

| O episódio da mula falante (Nm 22,22-35)

| A função do episódio da mula

| Conclusão

Introdução

A Bíblia Hebraica é um livro, no mínimo, curioso. Ao mesmo tempo em que dedica inúmeras páginas para personagens como Moisés e Davi, reserva poucas linhas para outros, como, por exemplo, Enoque.¹ É em meio a esse paradoxo de preferências que se encontra o personagem Balaão, cuja história pode ser lida em 60 versos espalhados por cinco livros, a saber: Números, Deuteronômio, Josué, Neemias e Malaquias.

Até o século XIX, através de uma leitura sincrônica dessas passagens bíblicas, a maioria dos estudiosos dizia que Balaão possuía quatro terríveis atributos. Primeiro, era um profeta mau, porque desejava amaldiçoar Israel em troca da grande soma em dinheiro que lhe fora oferecida e porque não sossegou enquanto Deus não permitiu que ele fosse ao encontro de Balaque a fim de amaldiçoar o povo. Segundo, era um profeta cego, que não conseguiu ver nem o que a sua mula viu, pois, quando estava indo ao encontro de Balaque, um mensageiro de YHWH apareceu a ele, mas este, cegado pela alta recompensa que receberia por amaldiçoar o povo, não conseguiu ver o anjo. Terceiro, era um desobediente infiel, pois mesmo sendo advertido pelo anjo, Balaão foi ao

¹ Moisés e Davi são, sem dúvida, os personagens mais citados da Bíblia Hebraica (BH). Moisés, por exemplo, aparece 705 vezes, a saber: nos livros de Ex, Nm, Lv, Dt, Js, Jz, 1 Sm, 1 e 2 Re, 1 e 2 Cr, Ed, Nee, Sl, Is, Jr, Dn, Mq e Ml. Já Davi é o recordista em aparições, tem seu nome registrado em 836 aparições espalhadas pelos livros de Rt, 1 e 2 Sm, 1 e 2 Re, 1 e 2 Cr, Ed, Ne, Sl, Pv, Ec, C C, Is, Jr, Ez, Os, Am, Zc. Enoque, por sua vez, tem história registrada em Gn 4,17-18; 5,18-24 e em 1 Cr 1,3.

encontro de Balaque amaldiçoar o povo. E quarto, foi o responsável por ter levado os israelitas a pecar contra YHWH em Baal Peor (Nm 25).²

Apesar da corrente majoritária — composta principalmente por exegetas e comentaristas americanos e judeus tradicionais — ter difundido essa imagem sobre o personagem, alguns estudiosos³ começaram a ler o relato de Nm 22,2-24,25 isolado do texto bíblico como um todo. Ao fazer isso, levantaram várias questões que a leitura sincrônica era incapaz de responder.

Essas duas impressões a respeito de Balaão conviveram até 1967, quando uma descoberta arqueológica mudou o rumo da pesquisa. Numa expedição pelo Vale do Jordão, na atual Deir'Alla, identificada como a bíblica Sucote, foi descoberto um santuário destruído e queimado, em cujas

² Conf. em BINNS, E. Elliott. *The Book of Numbers*. Londres: Methew e Co., 1927; BROWN, Raymond. *Comentário Bíblico San Jerônimo*. Madri: Ediciones Cristandad, 1944; MACKINTOSH, C.H. *Estudo sobre o livro de Números*. Portugal: Depósitos da Literatura Cristã, 1950; SPENCE, H.D.M. *The Pulpit Commentary – Volume 2 – Leviticus-Numbers*. Massachusets: Hendrickson Publishers; *Matthew Henry's Commentary on the Holy Bible – Vol. 1 – Genesis to Deuteronomy*. New York: Fleming H. Revell Company, 1961; CARROL, B.H. *Una Interpretacion de la Biblia – Numeros hasta Ruth*. Texas: Causa Bautista de Publicaciones, 1967; MESQUITA, Antonio da Neves. *Estudo nos Livros de Números e Deuteronomio*. Rio de Janeiro: JUERP, 1969; LIEBERMAN, David. *The eternal Torah*. New Jersey: Ptwin Pires Press, 1979; WENHAM, Gordon J. *Introdução e Comentário ao Livro de Números*. São Paulo: Mundo Cristão, 1980; CIMOSA, M. *Levítico e Números*. São Paulo: Paulinas, 1984; CHAMPLIN, Russel Norman. *O Antigo Testamento Interpretado Versículo por Versículo*. São Paulo, Candeia, 2000.

³ Dentre esses pesquisadores estão KEIL, C.F. e DELITZSCH, F. *Biblical Commentary on the Old Testamemet – Vol.3 – The Pentateuch*. Michigan: WMB Eerdmans Publishing, 1951; NOTH, Martin. *Numbers – A Comentary*. London: SCM Press, 1966; WHARTON, James A. *The Command to Bless – An Exposition of Numbers 22,41-23,25. Interpretation*, 13, p.37-48, janeiro, 1959; TOSATO, Ângelo. *The literary Structure of the first two poems of Balaam. Vetus Testamentum*, Vol. XXIX, p.98-106, Fasc. 1, janeiro, 1979; COATS, George W. *The Way of Obedience: Traditio-Historical and Hermeneutical Reflections on the Balaam Story. Semeia*, p.53-79, 1982; LEMAIRE, André. *Fragments from the Book of Balaam Found at Deir'Alla. Biblical Archaeology Review*, p.26-39, 1985; HACKETT, Jo Ann. *Some Observations on Balaam Tradition at Deir'Alla. Biblical Archaeologist*, p.216-222, dezembro, 1986; SAFREN, Jonathan D. *Balaam and Abraham. Vetus Testamentum*, nº 38, p. 105-113, 1998.

paredes havia inscrições que faziam citação a um “Balaão, filho de Beor”.

Nos textos de Deir’Alla, Balaão não só era apresentado como “filho de Beor”, mas também como um vidente dos deuses, adorador da divindade *Shaddayim*. Os estudos feitos na primeira combinação de textos concluíram que Balaão era também um tipo de rei ou sacerdote, fiel a sua divindade, sem nenhum aspecto negativizador.

Na Bíblia Hebraica, a história do “Balaão, filho de Beor” é uma das narrativas mais longas do livro de Números, ocupando três capítulos de um total de trinta e seis, inserida dentro das “histórias do deserto”, na terceira parte do livro,⁴ e possuidora de nítida introdução, desenvolvimento e conclusão, conforme demonstra a sua estrutura concêntrica:

A - Introdução da narrativa (22,2-4)

B - Os convites de Balaque a Balaão (22,5-21)

C - Episódio da mula falante (22,22-35)

B’ - O encontro de Balaão e Balaque (22,36-24,24)

A’ - Conclusão da narrativa (24,25)

Como apontado, a história de Balaão em Nm 22,2-21 e 22,36-24,25 é marcada por três momentos distintos — introdução, desenvolvimento (os encontros e convites de

⁴ BINNS, E. Elliott, *op.cit*, p.149; BROWN, Raymond, *op.cit*, p.278 e KEIL, C.F. e DELITZSCH, F., *op.cit*, p.156. MACKINTOSH, C.H., *op.cit*, na p.319, diz que Nm 22-24 é uma parte distinta do livro de Números.

Balaque e Balaão) e conclusão — que formam uma história coesa e plena de sentido.

Para facilitar a compreensão da história, por agora, analisar-se-á em conjunto as partes A-A' (introdução e conclusão), B-B' (encontros e convites de Balaque e Balaão) e, posteriormente, C (o Episódio da Mula Falante).

Capítulo 1:

Introdução e Conclusão

Na introdução (v.2-4), a narrativa é pontuada por quatro peculiaridades. A primeira é fazer uma ponte entre Nm 21, onde Israel empreende vitórias sobre os reis Arade (21,1-3), Seom (21,21-25) e Ogue (21,31-3), e a história de Balaão.⁵ A segunda é apresentar o personagem Balaque, filho de Zipor, Rei de Moabe, (v.4b) haja vista ser esta a primeira vez que ele aparece na Torah.⁶ A terceira é explicar a razão da passagem — o medo de ser invadido pelos israelitas (v.3-4).⁷ E a quarta é citar conjuntamente os povos amonitas, moabitas e midianitas, algo único na Bíblia Hebraica.

Já a conclusão da narrativa (A'), que está em Nm 24,25 é um verso que descreve a volta de Balaão para sua casa, indo para sua região.⁸

Apresentando uma introdução (A) e conclusão (A') bem definidas, a narrativa de Nm 22,2-24,25 também tem um desenvolvimento, apontado na estrutura quiástica como as

⁵ NOTH, Martin, *op.cit.*, p.175, BROWN, Raymond, *op.cit.*, p. 278-279 e KEIL, C.F. e DELITZSCH, F., *op.cit.*, p.157.

⁶ BROWN, Raymond, *op.cit.*, p. 279. Segundo o autor, este personagem, além de aparecer na narrativa em estudo, é citado em Js 24,9, Jz 11,25 e Mq 6,5, nos quais há referência ao episódio de Balaão.

⁷ KEIL, C.F. e DELITZSCH, F., *op.cit.*, p.157, *Matthew Henry's Commentary*, *op.cit.*, p.670; NOTH, Martin, *op.cit.*, p.175 e LIEBERMAN, David, *op.cit.*, p.394.

⁸ *Matthew Henry's*, *op.cit.*, p. 318. Vale destacar que Nm 24,25 deixa o texto em aberto para ser ligado a Nm 25, onde Balaão é o aconselhador das mulheres moabitas que induziram os israelitas à apostasia religiosa, e, posteriormente, Nm 31, que descreve a morte do personagem devido a uma vingança dos israelitas contra os midianitas (conf. em KEIL, C.F. e DELITZSCH, F. *op.cit.*, p.202 e CHAMPLIN, Russel Norman, *op.cit.*, p. 701).

partes B (Os convites de Balaque a Balaão - Nm 22,5-14 e 22,15-21) e B' (O encontro de Balaão e Balaque - Nm 22,36-24,24), coeso e coerente, como se verá a seguir.

Capítulo 2:

Os convites e o encontro

Decidido a encontrar-se com Balaão, Balaque lhe faz dois convites (Nm 22,5-14 e 22,15-21). Dois convites que, quando analisados simetricamente, revelam pelo menos cinco semelhanças de estrutura, desenvolvimento, personagens, lugares, recados e encontros com a divindade.

A primeira semelhança entre os convites é o fato de ambos começarem narrando que pessoas foram enviadas até Balaão. No primeiro convite, foram os *malakim* de Moab (v.5) e os *ziqnê* de Midiam (v.7), e, no segundo, os *sarim* mais honrados da localidade (v.15). Analisando semanticamente as palavras que caracterizam os enviados de Balaque pode-se dizer que elas espelham a urgência e os graus de intensidade dos convites.

Malak é um termo que aparece 196 vezes na Bíblia Hebraica. Dessas aparições, 112 referem-se a “anjo” e 86 a “mensageiros ou pessoas a serviço de líderes, reis ou governantes” que, mesmo sendo pessoas comuns, gozavam de certa confiança. Em textos bíblicos é comum líderes, governantes e reis enviarem seus pedidos ou recados através de *malakim* (Gn 32,1-7; Jz 11,1-28; 1 Sm 11,1-11 e 2 Re 1,1-16).

Já *ziqnê* (anciãos de) é um termo que geralmente está associado a pessoas idosas que devem ser respeitadas, pois eram influentes e exerciam o poder julgando até questões relativas à virgindade, propriedades e homicídios.

Por fim, *sarim* (príncipes ou funcionários da corte), termo que aparece 368 vezes na Bíblia Hebraica e representa, num sentido amplo, o “governador” ocidental dos dias de hoje.⁹

A relação de progressividade dos convites está exatamente na relação das palavras *ziqnê* e *sarim*, haja vista que os príncipes enviados por Balaque foram “em maior número e mais honrados do que os primeiros” (v.15), o que demonstra a urgência do chamamento de Balaão.¹⁰

Essa urgência de chamamento levou os enviados de Balaque até o lugar onde morava Balaão; ou seja, “a Pethor que [é] sobre o rio de terra dos filhos de seu povo” (Nm 22,5^a), a fim de explicar a situação difícil que viviam e implorar pela sua ida (22,5-7 e 22,16,17).

A segunda semelhança é que ambos os convites começam a desvelar duas características de Balaão. Primeiro, ele era alguém que poderia abençoar ou amaldiçoar (v.6)¹¹ e, segundo, era um profeta ou encantador infalível¹², cuja fama era tão respeitável que os primeiros mensageiros foram levando “oráculos em mãos” (v.7), dinheiro para pagar pelos

⁹ WALTKE, Bruce K. *Dicionário Teológico do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1980, p.404-405 e 841.

¹⁰ Matthew Henry's, *op.cit.*, p. 672.

¹¹ COATS, George W., *op.cit.*, p. 53.

¹² COATS, George W., *op.cit.*, p. 54.

encantamentos que ainda seriam proferidos.¹³ O segundo convite reafirma essa fama de Balaão através das palavras dos mensageiros do rei de Moabe, que disseram que Balaque não mediria esforços para ter as palavras de Balaão proferidas contra Israel a fim de assegurar a sua vitória (v.17).¹⁴

A terceira semelhança é que ambos os convites tinham a intenção de ver Israel amaldiçoado¹⁵, a fim de parar a conquista e expansão israelita pelo território moabita. O desejo de Balaque era que Balaão fosse até seu território e proferisse fórmulas ou sentenças de maldição sobre Israel.¹⁶ Em outras palavras, desejava que Balaão fosse ao seu encontro e, através de uma proclamação, freasse a expansão israelita (22,6 e 22,16-17).

É interessante aqui notar o uso do verbo amaldiçoar em ambos os convites. No primeiro é usado o verbo *'arar*, geralmente utilizado em fórmulas de maldições, mas no segundo é usado *qabab*, um verbo atípico nessas fórmulas. Apesar de sinônimos, esses verbos têm diferenças significativas.

¹³ WENHAM, Gordon J., *op.cit.*, p.177-178 diz que muitos profetas recebiam recompensas materiais pelos seus serviços, inclusive dinheiro (1 Sm 9,8; 1 Re 14,3; 2 Re 8,8-9). Já BROWN, Raymound, *op.cit.*, p. 280; e CHAMPLIN, Russel Norman, *op.cit.*, p. 690 defendem que a cidade de Petor ficava na Mesopotâmia e que Balaão poderia ser uma espécie de *baru*, sacerdote-adivinho muito solicitado e bem pago para proferir bênçãos e maldições.

¹⁴ KEIL, C.F. e DELITZSCH, F., *op.cit.*, p.165.

¹⁵ NOTH, Martin, *op.cit.*, p.178.

¹⁶ WENHAM, Gordon J, *op.cit.*, p.177. Na esfera da magia, essas fórmulas de bênção e maldição eram proferidas pelos sacerdotes, através da palavra dita ou de fórmulas metrificadas, contra países (Dt 11,29), cidade (Jo 6,26), casas (Zc 5,4) e até de povos (Gn 9,25). Para saber mais sobre fórmulas de bênção e maldição confira em SELLIN-FOHRER, *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1983, vol. 1, p.87-89.

'Arar, que aparece 63 vezes na Bíblia Hebraica e significa “capturar, prender ou prender por encantamento, deixar sem forças para resistir”, segundo Waltke exterioriza o desejo de Balaque: fazer com que alguma palavra de Balaão paralisasse os israelitas até que ele pudesse destruí-los. Outro detalhe: os ditos de maldição que utilizam 'arar são proferidos como um reflexo da violação do relacionamento com Deus – seja por idolatria (Dt 27,15), por desrespeito aos pais (Dt 27,16), por enganar o próximo (Dt 27,17), por pecados sexuais (Dt 27,20-23) ou por deixar de observar a lei divina (Dt 27,26).¹⁷ A resposta de YHWH, em Nm 22,12, parece demonstrar que Israel não tinha por que ser amaldiçoado ('arar): “E disse Elohim para Balaão: não irás com eles, não amaldiçoarás o povo, pois bendito ele é” .

Mas essa resposta não foi suficiente para acalmar Balaque. Num segundo convite, ele manda chamar Balaão não mais para **arah** (Nm 22,6) o povo, mas para **qabab** (Nm 22,17), ou seja, para prejudicar o objeto da maldição.¹⁸

A diferença dos pedidos está, pois, no verbo utilizado por Balaque. Enquanto no primeiro convite Balaque pede para o povo ser paralisado e destruído, no segundo, solicita que o povo seja apenas prejudicado.

Na resposta a esses convites, está a quarta semelhança: uma mesma exigência é feita por Balaão. Este pede aos mensageiros que pernoitem com ele afim de que

¹⁷ WALTKE, Bruce K., *op.cit.*, p. 126-127.

¹⁸ WALTKE, Bruce K., *op.cit.*, p. 1313.

YHWH fosse consultado e dissesse o que deveria ser feito (Nm 22,8 e Nm 22,18-19).

Nessa exigência está a principal característica de Balaão: a obediência a YHWH. Balaão não tem a intenção de desobedecer, antes se mostra um dependente de YHWH¹⁹, querendo saber a sua opinião.

Aqui, outra peculiaridade: em ambos os convites há o oferecimento de dinheiro, mas Balaão recusa as ofertas, permanecendo firme no desejo de ouvir e seguir as instruções de YHWH. Alguns estudiosos dizem que os dois convites são importantes, porque tanto demonstram a dependência de Balaão, como apontam para o fato deste saber que a palavra de YHWH pode ser diferente para cada situação.²⁰

A quinta semelhança é que em ambos os convites Balaão é encontrado, à noite²¹, por Elohim (Nm 22,8-9a e Nm 19-20a), que lhe diz o que deve ser feito.²² No primeiro convite, a ordem é clara: este não deve ir amaldiçoar o povo, pois este é bendito (Nm 22,12). Obediente, ele despede os mensageiros (Nm 22,13-14). Deixando Balaque inconformado, este faz seu segundo convite e envia príncipes mais honrados, oferecendo

¹⁹ COATS, George W., *op.cit.*, p.54 e BROWN, Raymond., *op.cit.*, p.280 são dois autores concordam que Balaão teve uma postura obediente.

²⁰ COATS, George W., *op.cit.*

²¹ É interessante notar que, no texto extrabíblico de Deir'Alla, a divindade também fala com Balaão durante a noite: "Veja, os deuses vem para ele a noite, / E (...) eles dizem para [Balaão]o filho de Beor". Outra semelhança entre o texto de Balaão de Nm 22-24 e o de Deir'Alla é a forma verbal hebraica *wayabo'*, uma construção que aparece em mais de 200 textos da Bíblia Hebraica. Algumas vezes está associada a pessoas e, outras, à divindade. Quando relacionada à divindade, esta forma verbal está associada a YHWH ou Elohim que se manifesta através de sonhos, à noite (Gn 20,3 e 31,24; 1 Sm 3,10 e 1 Re 19,9). Todas essas semelhanças levaram os estudiosos a entenderem que o Balaão de Deir'Alla era o mesmo do texto bíblico. Confira mais sobre o texto de Deir'Alla de HACKETT, Jo Ann, *op.cit.*, p.217-219 e LUTZKY, Harriet, *op.cit.*, p.16.

²² CHAMPLIN, Russel Norman, *op.cit.*, p. 690.

mais dinheiro pelas maldições (Nm 22,15-17).²³ Uma nova consulta a Elohim é feita por Balaão e uma resposta diferente lhe foi dada (Nm 22,20): “E veio Elohim para Balaão [a] noite: se para chamar a ti vieram os homens, levanta-te e anda com eles e só a palavra que falei para ti farás”.

A permissão de ir ao encontro de Balaque estava condicionada ao fato de Balaão falar apenas o que lhe fosse mandado.²⁴ Ao encontrar Balaque, Balaão não decidiria por ele mesmo o que falar. Era YHWH quem colocaria na sua boca o que deveria ser dito.²⁵ Parece que a ordem foi acatada, pois no verso seguinte, Balaão se levanta e vai ao encontro de Balaque (Nm 22,21).

O Encontro de Balaque com Balaão (B') é a seqüência propriamente dita dos convites (B):

Último verso de B - 22,21

E levantou Balaão com a manhã e celou a sua mula e foi junto com os príncipes de Moav.

Primeiro verso de B' - 22,36

E ouviu Balaque que chegou Balaão e saiu para encontrá-lo em direção à cidade de Moav que [é] sobre montanha de Arnon que [está] em extremidade da montanha.

²³ CHAMPLIN, Russel Norman, *op.cit.*, p. 690-691.

²⁴ CHAMPLIN, Russel Norman, *op.cit.*

²⁵ COATS, George, *op.cit.*, p. 55.

O texto de abertura do encontro de Balaque com Balaão é marcado pela recepção de Balaque a Balaão (Nm 22,36-40), que está indignado, como se não tivesse entendido o porquê da dupla recusa do profeta (Nm 22,37-38)²⁶:

E disse Balaque para Balaão: certamente não enviei para ti para te falar porque não vieste para mim? Verdadeiramente não serei capaz de te honrar? E disse Balaão para Balaque: eis eu vim para ti. Agora certamente poderei falar algo? A palavra que porá Elohim em minha boca o falarei.

Aqui, as ordens anteriormente dadas a Balaão quando este consultava a noite a YHWH (Nm 22,20.35) — “e só a palavra que falei para ti a farás” — são confirmadas (Nm 22,38b), reafirmando a disposição de Balaão de só falar o que Deus ordenar²⁷, frustrando as expectativas de Balaque, que queria ver o povo de Israel amaldiçoado.²⁸

Após a recepção, aproveitando para demonstrar a Balaão que também era um homem religioso, Balaque o leva para a cidade de Qiryat Hutzot²⁹ onde faz um sacrifício de boas-vindas³⁰, ou uma refeição sacrificial³¹, na qual Balaão

²⁶ CHAMPLIN, Russel Norman, *op.cit.*, p. 693.

²⁷ CHAMPLIN, Russel Norman, *op.cit.*

²⁸ KEIL, C.F. e DELITZSCH, F., *op.cit.*, p.175.

²⁹ SPENCE, H.D.M., *op.cit.*, p. 293. Segundo CHAMPLIN, Russel Norman, *op.cit.*, p. 693, Qiryat Huzot significa “cidade das estradas” ou ainda “cidade dos lugares exteriores, que estava localizada nas fronteiras”.

³⁰ NOTH, Martin, *op.cit.*, p. 181.

³¹ A prática do sacrifício não era algo exclusivamente israelita, antes era uma prática siro-palestinese que foi incorporada pelos israelitas. Assim, não há estranheza no fato de Balaque fazer um sacrifício para dar boas-vindas a Balaão. Conf. em FOHER, G. *História da Religião de Israel*. São Paulo: Paulinas, 1980,

seria apresentado aos mais importantes chefes moabitas (Nm 22,39-40).³²

Na manhã seguinte, depois de já ter sido apresentado aos principais do povo e já ter visto Qiryat Hutzot, Balaão é levado por Balaque para os lugares altos de Baal, onde poderia ver o povo e amaldiçoá-lo (22,41-23,12).³³ Esse avistamento de Israel se dá em três momentos nos quais Balaão vê partes diferentes do povo, faz sacrifícios sétiplos de bezeros e carneiros e recebe de YHWH poemas/oráculos.

Esses poemas/oráculos, que não serão analisados aqui em detalhes, apresentam, assim como os convites feitos a Balaão, uma estrutura narrativa semelhante, como se pode perceber na tabela abaixo:

	1ª VISAO (22,42-23,12)	2ª VISAO (23,13-26)	3ª VISAO 23,27-24,14
Introdução	Balaque e Balaão nos altos de Baal (22,41-23,3)	Balaque e Balaão no cume de Pisga (23, 13,15)	Balaque e Balaão no cume de Peor (23,27)
Desenvolvimento	Encontro de Deus com Balaão (23,4-7a)	Encontro de Deus com Balaão (23,16)	Balaão não vai para os encantamentos (24,1-3a)
Clímax	Mashal 1 (23,7b-10)	Mashal 2 (23,17-24)	Mashal 3 e 4
	Diálogo (23,11-12) Balaque: O que fizeste?	Diálogo (23,25-26) Balaque: Não o abençoe,	Diálogo (24,10-13) Balaque: Chamei-te para

p.136. Em 1 Sm 9,22-24 Saul sai à procura das mulas perdidas de seu pai também é recebido por Samuel com um sacrifício de boas-vindas. Segundo BINNS, E. Elliott, *op.cit.*, p.158 e CHAMPLIN, Russel Norman, *op.cit.*, p. 694 essa é a única passagem paralela de Nm 22,39-40, pois mostra que era comum se oferecer a pessoas importantes esse tipo de recepção.

³² NOTH, Martin, *loc.cit.*

³³ CHAMPLIN, Russel Norman, *loc.cit.*

Conclusão	Balaão: Falarei o que Deus colocar na minha boca	nem o amaldiçoe Balaão: Tudo o que Jave falar, isso farei	amaldiçoar, e por trêsvezes o abençoaste! Foge daqui! Balaão: O que Javé falar, isso farei eu.
------------------	--	--	--

De toda essa estrutura a que interessa a este artigo é a conclusão e a similaridade das respostas que Balaão deu a Balaque.

Na primeira visão, após ser levado para os atos de Baal, ter ordenado a oferta de um sacrifício sétiplo (23,1-3^a) e ter falado palavras de bênçãos sobre o povo, mais uma vez Balaão se mostra fiel, disposto a cumprir a ordem de YHWH, falando apenas o que este lhe ordenou (22,20.35).³⁴ Diante disso, Balaque fica irado, (23,11), mas Balaão está impassível e diz (23,12): “Falarei o que YHWH colocar na minha boca”.

Não desistindo do seu intuito de amaldiçoar o povo, Balaque conduz Balaão ao campo de Zofim e ao topo de Pisgah (23,14a). Usando as mesmas palavras de Nm 23,1-3^a, novamente Balaão ordena a construção de sete altares para o sacrifício de sete carneiros e sete bezerras e, de novo, dá ordem para que Balaque fique junto ao seu sacrifício, pois YHWH o encontraria (v.14b-15). No término desse seu segundo oráculo, mais uma reclamação de Balaque (v.25-26), que agora solicita que Balaão não amaldiçoe, nem abençoe a Israel (v.25).³⁵ Ao que Balaão responde pela terceira vez (v.26b): “Não falei para vós: tudo que falará YHWH o farei?”

³⁴ NOTH, Martin, *loc.cit.*

³⁵ WENHAM, Gordon J., *op.cit.*, p.184.

Aqui, mais uma semelhança textual se repete, reafirmando o desejo de Balaão de fazer apenas o que YHWH lhe ordenar (v.26b)³⁶: “tudo que falará YHWH o farei” (conf. 22,20b; 22,35ab; 22,38b e 23,12b).

Não se dando por satisfeito, Balaque leva Balaão para ver o povo por um novo ângulo: ao “topo de Peor em vistas a face do deserto” (v.28b), pela terceira e última vez (23,27-24,14).³⁷ Após deixar Balaque junto ao seu sacrifício sétiplo e ir consultar a YHWH (v.14-16), Balaão percebe que a vontade de YHWH é abençoar Israel (24,1-2) e profere seus dois últimos *mashalim*. Irado com as palavras proferidas, Balaque faz um genuíno ato médio oriental de reprovação batendo com uma mão na outra (24,10).³⁸ Mas a reação de Balaão continua a mesma (v.12-13): afirma que não pode fazer nada contrário ao desejo de YHWH.³⁹

Comparando esses três avistamentos, percebe-se que Balaão desejava fazer tanto o que era agradável como o que lhe era ordenado por YHWH. Por isso, nos três avistamentos, Balaão repetiu insistentemente a Balaque que apenas “falaria o que lhe fosse colocado na boca” (23,11-12; 23,25-26 e 24,10-13).

Seguindo essa linha de raciocínio, as três vezes que Balaão vê Israel são, na narrativa, um reforço para que o

³⁶ CHAMPLIN, Russel Norman, *loc.cit.*

³⁷ KEIL, C.F. e DELITZSCH, F., *op.cit.*, p.185.

³⁸ KEIL, C.F. e DELITZSCH, F., *op.cit.*, p. 191, CHAMPLIN, Russel Norman, *op.cit.*, p. 699 e NOTH, Martin, *op.cit.*, p.192 apontam duas passagens bíblicas como paralelas: Jó 27,23 e Lm 2,15.

³⁹ KEIL, C.F. e DELITZSCH, F., *op.cit.*, p.191.

leitor perceba que ele era alguém que estava a serviço de YHWH e que desejava ser-lhe fiel e obediente.

É no meio dessa história cuja característica principal é deixar claro em cada uma de suas partes (A, A' e B, B') a fidelidade de Balaão a YHWH, que está o Episódio da Mula Falante, parte central da narrativa.

Capítulo 3:

O episódio da mula falante (nm 22,22-35)

Parte mais conhecida e polêmica da narrativa, o Episódio da Mula Falante é um extrato textual distinto dentro do bloco de Nm 22-24, pois é uma interpolação posterior na história de Balaão.⁴⁰ Definida por alguns estudiosos como um conto popular ou folclórico ou ainda como uma “história reflexiva”⁴¹, essa inserção é também apontada como a responsável pela fixação uma imagem hostil do personagem.⁴²

Para a corrente de comentaristas tradicionais, Balaão é, à luz de Nm 22,22-35, um profeta ganancioso e infiel que, cegado pelo dinheiro, é incapaz de ver o mesmo que sua mula: o anjo de YHWH, que lhe barra o caminho e impede de amaldiçoar Israel.⁴³ Essa posição, entretanto, pode ser contestada a partir de pelo menos quatro observações.

A primeira observação é que a história da Mula Falante começa com uma mesma ação que é repetida por três vezes: o

⁴⁰ SAFREN, Jonathan, *op.cit.*, p.105. Pode-se dizer que uma evidência da inserção é a mudança de estilo do relato quando comparados 22,21 com 22,22. Outras evidências apontadas para a inserção: (1) Ao se retirar todo o bloco de Nm 22,22-35 percebe-se que a narrativa prossegue sem problemas; (2) A mudança dos personagens - nesta perícopes ocorre tanto o desaparecimento de personagens – como o dos príncipes de Moabe — quanto a aparição de um novo, o anjo de YHWH (*malak YHWH*), que neste bloco é intitulado de *satan* (adversário, oponente).

⁴¹ BROWN, Raymond, *op.cit.*, p. 280 acha que esta perícopes é um conto popular ou folclórico, já SAFREN, Jonathan., *op.cit.*, p.105 defende a tese de que é uma “história reflexiva”.

⁴² SAFREN, Jonathan D., *loc.cit.*

⁴³ Conf. MESQUITA, Antonio das Neves, *op.cit.*, p.67-68; CARROL, B.H, *op.cit.*, p.62. e LIEBERMAN, David, *op.cit.*, p.396.

anjo se coloca no caminho impedindo a passagem da mula, que é agredida por Balaão.

A segunda observação é que a reação da mula (ver e desviar-se do anjo) também é repetida por três vezes.⁴⁴

Essas repetições apontam para uma progressão no clímax da história: primeiro o anjo fica apenas parado no caminho, com a espada na mão (Nm 22,23); depois, o anjo faz com que a mula e o profeta se desviem para o lado (Nm 22,24-25) e, finalmente, o anjo bloqueia totalmente a passagem, fazendo com que a mula se deite (Nm 22,26-27).⁴⁵

A terceira observação é que essa história mostra um Balaão insensível à esfera do sobrenatural, ou seja, o oposto ao que é demonstrado na parte “Os Convites” (B) e “O Encontro” (B’).⁴⁶ Nas perícopes anteriores, durante a noite, Balaão era sensível ao contato divino, mas nesta, durante o dia, o personagem não consegue ser sensível à presença do anjo de YHWH⁴⁷ ou, como preferem alguns, à presença do próprio YHWH personificada no seu anjo.⁴⁸ Desta forma, o episódio leva o leitor a entender que a mula é uma vidente mais eficiente do que o famoso Balaão.⁴⁹

A quarta observação é que no desfecho da história, o diálogo entre a mula e Balaão, vem reforçar a idéia de que

⁴⁴ SAVRAN, G., *op.cit.*, p.35

⁴⁵ CHAMPLIN, Russel Norman, *op.cit.*, p. 692

⁴⁶ Conta a narrativa que a divindade tinha um encontro com Balaão durante a noite. Essa resposta do divino leva o leitor a pensar que Balaão é alguém sensível ao sobrenatural. Conf. em SAVRAN, G., *loc.cit.*

⁴⁷ SAVRAN, G., *loc.cit.*

⁴⁸ NOTH, Martin, *op.cit.*, p.179. Para Noth, o mensageiro de YHWH, aqui e em outras passagens do AT, não é um personagem ou uma figura particular e individual, mas o próprio YHWH. Esse mensageiro, portanto, fala e age de acordo com o próprio YHWH.

⁴⁹ COATS, George, *op.cit.*, p. 58.

Balaão é alguém espiritualmente cego insensível (Nm 22,28-30). Nessa conclusão, tanto a mula como Balaão dão vazão às suas raivas e tentam entender suas respectivas atitudes e comportamentos.⁵⁰ E mais, após o diálogo com a mula, Balaão tem seus olhos abertos e vê o anjo de YHWH.

E essa visão, pelo descrito, deve ter sido amedrontadora. Afinal, ao ver o anjo de YHWH parado no caminho, com uma espada desembainhada na mão, Balaão faz duas coisas: inclina-se (*qadad*) e prostra-se (*shahah*). É interessante aqui é a repetição verbal. O narrador diz, primeiro, que Balaão se inclina (*qadad*), depois, desejando ampliar a ênfase ao ato de inclinar-se, o narrador usa, com *waw* consecutivo, o verbo *shahah*, no hishtaphel, construção semelhante ao Hithpael, no qual o verbo assume o significado de “prostrar-se diante de Deus, falsos deuses ou anjos”. Ao agir assim, Balaão dá a devida importância à figura angelical parada a sua frente.⁵¹

Aqui, uma pausa para uma observação sobre a *hapax legomenou* יָרַט (Nm 22,32). Segundo o Texto Massorético, a palavra é verbo יָרַט (“precipitar-se, lançar-se”) no qal, perfeito, na segunda pessoa do masculino singular. Todavia, o aparato crítico do verso traz algumas notas sobre a palavra: diz a LXX traduz o vocábulo como o adjetivo “não aceitável”, a Vulgata sugere à palavra o significado de “perverso” ou “agir irrefletidamente” e alguns manuscritos sugerem que a

⁵⁰ SPENCE, H.D.M, *loc.cit.*

⁵¹ Matthew Henry's, *op.cit.*, p. 675.

palavra seja corrigida para הרט, formando com a palavra seguinte a expressão הרט הקרר ("caminho é mau ou ruim").⁵²

Assim, é exatamente na escolha da utilização do significado da palavra que ocorre a construção ou desconstrução da imagem de Balaão. Confira como fica a frase dependendo do significado da palavra:

Nm 22,32 – como adjetivo: perverso ou agir irrefletidamente

E disse para ele [Balaão] o mensageiro de YHWH: Porque bateste a tua mula esta terceira vez? Eis eu saí para resistir, pois era **mau** teu caminho contra mim.

Nm 22,32 – como verbo: precipitar

E disse para ele [Balaão] o mensageiro de YHWH: Porque bateste na tua mula esta terceira vez? Eis eu saí para te resistir, pois **precipitou-se** no caminho contra mim.

Ao se optar pelo adjetivo, deixa-se explícito que o “caminho de Balaão era mau”, ou melhor, que a sua opção de ir ao encontro de Balaque foi má escolha. Essa tradução,

⁵² Conf. em WALTKE, Bruce K., *op.cit.*, p. 667 e as observações do aparato crítico de Nm 22,32 da BHS.

entretanto, conflita com o Nm 22,21 e com a permissão divina para assim fazê-lo.

Por outro lado, ao se optar por traduzir a palavra como verbo (“precipitou-se”), é mantido o padrão narrativo, no qual Balaão, por não ver o anjo, tentava fazer com que a mula avançasse e, inevitavelmente, fosse ao encontro do anjo.

Assim, quem opta pelo adjetivo faz interpretação negativa da atitude de Balaão. Esse é o caso de alguns comentaristas que dizem que Balaão estava tão cego pelo pecado que não via nem o que sua mula conseguia ou, ainda, que estava tão seduzido pelo dinheiro que não conseguia ver o que qualquer profeta teria a habilidade de ver.⁵³

Já quem opta por não quebrar o ritmo narrativo, faz uso da palavra enquanto verbo “precipitou-se”, que está em concordância com a tradução do BDB para o verso em questão.⁵⁴ Assim, na perspectiva do anjo, Balaão desejava atropelá-lo, pois por três vezes conduziu a mula em sua direção, como que o afrontando.

Diante dessa situação, Balaão responde ao anjo (Nm 22,34): “pequei porque não conheci, porque tu ficaste parado para me encontrar no caminho e agora se [sou] mau em teu olho, voltarei contigo”.

Esse verso tem várias palavras-chaves. Na primeira parte, os verbos “pecar” e “encontrar”. A primeira palavra, o

⁵³ Entre os que assim traduzem tem-se o autor de Matthew Henry's, *op.cit.*, p. 675, SPENCE, *op.cit.*, p.293, CHAMPLIN, *op.cit.*, p. 693 e BINNS, *op.cit.*, p.156. Essa opinião também é comum entre muitos estudiosos como KEIL, C.F. e DELITZSCH, , *op.cit.*, p.173 e o auto de Matthew Henry's, , *op.cit.*, p. 675. CHAMPLIN, Russel Norman, *loc.cit.*

⁵⁴ BROWN, Francis, *op.cit.*, p. 437.

verbo *hata'*, que significa “errar o alvo ou pecar”⁵⁵ ou ainda “perder a recompensa, incorrer em penalidade por pecado”. A segunda é o verbo *yada'* que, apesar de ser comumente traduzido por “conhecer”, pode significar “perceber, descobrir, compreender”.⁵⁶ Assim, quando Balaão diz ao anjo que “pecou”, justifica-se dizendo que não havia notado a sua presença, percebido que ele estava ali, parado no caminho. É uma resposta inocente, de alguém que não estava fazendo nada errado.

Essa constatação é reforçada pelo contexto da história. Com a permissão de Deus (v.21), Balaão parte ao encontro de Balaque e diz ao anjo que não o havia visto, mas que agora reconhece que este ficou parado no caminho para encontrá-lo. Note que o verbo utilizado por Balaão é “encontrar” (*qirah*) e não “impedir”. Sem a menor noção de que fazia algo inapropriado, Balaão diz que, se está fazendo algo errado, retornaria.

O último verso (Nm 22,35) dessa curiosa história parece reforçar essa interpretação ao dizer: “Vá com os homens e só da palavra que falai para ti a falarás. E foi Balaão junto com os príncipes de Balaque”. Pela resposta do anjo à fala de Balaão se percebe que ele realmente não havia feito nada errado. Esse último verso, é esclarecedor, pois mostra que a intenção do anjo de YHWH era apenas advertir Balaão a não falar nada do que não lhe fosse dito, e não impedi-lo de ir ao encontro de Balaque.

⁵⁵ KIRST, Nelson, *op.cit.*, p.66.

⁵⁶ KIRST, Nelson, *op.cit.*, p.88.

Assim, função do anjo era resistir a Balaão a fim de instruí-lo, e não impedi-lo. O anjo deveria encontrar com Balaão para lhe dizer que ele só deveria falar o que Deus mandasse.⁵⁷

O Episódio da Mula Falante termina como começou. Com a permissão de Deus para Balaão ir ao encontro de Balaque, desde que ele falasse apenas o que lhe fosse ordenado (Nm 22,20.35).

Após essa leitura, uma pergunta precisa ser respondida: qual a função desta perícopes em todo Ciclo de Balaão?

⁵⁷ KEIL, C.F. e DELITZSCH, F., *op.cit.*, p.174.

Capítulo 4:

A função do episódio da mula

Para alguns, a função deste episódio é teológica-doutrinal, pois deseja ensinar que o domínio de Deus sobre a natureza é tão completo e sua palavra tão poderosa que ele pode servir-se até mesmo de um animal irracional como portador da sua palavra⁵⁸. Essa explicação, entretanto, falha ao apontar a mula como portadora da palavra divina, pois em momento algum do relato ela o foi. Ela foi, sim, a primeira a perceber a presença do mensageiro de YHWH, este sim o real portador da palavra divina.

Outros pensam que a função desta perícopé é conter e divulgar a tradição negativa de Balaão, pois quando comparada a Dt 23,5-6, Js 24,9-10 e Ne 13,2, pode ter relação com a discordância entre o desejo de Balaão de amaldiçoar o povo e o desejo de YHWH de abençoá-lo.⁵⁹

Apesar do episódio em si reafirmar que Balaão era alguém fiel a YHWH⁶⁰, não foi essa a visão que permaneceu sobre o personagem na literatura bíblica e extrabíblica posterior. Para essas literaturas, Balaão era alguém de caráter duvidoso, totalmente cego, que não conseguia ver o que uma simples mula via: o anjo de YHWH.

⁵⁸ BROWN, Raymound, *op.cit.*, p. 280.

⁵⁹ COATS, George W., *op.cit.*, p.58.

⁶⁰ NOTH, Martin, *op.cit.*, p.178.

Essa impressão consensual sobre o personagem foi apreendida a partir de quatro viesses, que serão aqui apenas pontuados.

A primeira associação negativa se dá a partir do gênero literário da perícopes, que se assemelhava ao de outra história muito conhecida: Gn 3,1-5 ou o diálogo da Serpente com Eva. O segundo a partir inserções redacionais nos versos 8 e 16 de Nm 31. O terceiro da associação da história de Balaão com Nm 25, a praga de Baal Peor. E o quarto a partir da redação final do Pentateuco, onde se privilegiou a figura de Moisés como o maior e mais importante profeta dos tempos primordiais de Israel, em Dt, 34,10-12.

Conclusão

Concluindo essa exposição, pode-se dizer que à luz de Nm 22,2-24,25 Balaão era um obediente de YHWH: sempre consultou a divindade antes de aceitar qualquer convite, independente da quantidade de dinheiro que seria ganha, e sempre se prontificou a falar o que lhe fosse ordenado. Essa nova leitura, feita a partir da estrutura narrativa da perícopes permite-nos assim transvalorizar da imagem de Balaão, que deixou de ser um profeta cego, insensível e infiel para ser um serviçal obediente e leal a YHWH.